

SERRA D'OUSSA

SEMANARIO DEFENSOR DOS INTERESSES REGIONAES

DIRECTOR—Leandro F. Alves
REDACTOR PRINCIPAL—A. Queiroga Santos
ADMINISTRADOR—Antonio E. Falcão
EDITOR—João Ramos Faustino

Propriedade da Empresa do SERRA D'OUSSA.

A correspondencia deve ser dirigida ao Redactor ou ao Administrador.

A NOSSA SITUAÇÃO

E' pessima. é terrivel!
A crise enorme que atravessamos reflete-se brutalmente no nosso semanario, que fatalmente teremos que suspender, temporariamente

A falta de papel com que lutamos obrigou nos já, bem contra a nossa vontade a deixar de publicarlo, como seria sempre o nos-o maior desejo, durante estas tres ultimas semanas. Este ultimo papel que recebemos, bem pouco, apenas para este numero, vem por um preço doído. Ora, com os fracos recursos que dispomos é inteiramente impossivel, pelo menos por agora, poder satisfazer o desejo dos nossos leitores e assinantes, que é o nosso tambem.

Mas não desanimamos, iremos sempre trabalhando, dando o maximo da nos-a energia, da nossa boa vontade, para que o nosso jornal, que é algo de nós mesmos, bem de pressa volte a ser o arauto o pregoeiro da vontade do povo Redondense, que quer viver e progredir.

Nós não nos esquecemos de vós, povo do Redondo, por que foi para o povo Redondense que criamos este jornal; sendo nosso é de todos os Redondenses. E para que nós, com mais brevidade, possamos dar toda a amplidão de que o nosso jornal carece, é necessario que o bom povo Redondense nos ajude a remover as dificuldades materiaes que a cada passo deparamos. Contamos convosco

Infelizmente, sabe Deus a razão com que o manifestamos: a suspensão do jornal de domingo proximo em diante, será um facto.

Por um mez, 2º? Não o sabemos. E' muito natural que dentro do prazo de 2 mezes, nós possamos remover todos os obstaculos que tolhem a vida do jornal, mesmo porque nós desejamos comemorar o seu aniversario numa festa muito intima, em que vibre a alma portuguesa de todos os Redondenses.

D. qui até lá um bocadinho de

paciencia e boa vontade.

Resta-nos agradecer ao povo do Redondo e demais, as gentilezas que nos teem dispensado e pedir desculpa de alguma falta que cometessemos do que nos penitenciamos e... até breve.

SERA VERDADE?

Sr. Redactor

Acabo de ter conhecimento que uma comissão de senhoras, aliás, um individuo em seu nome, anda angariando donativos a fim de levar a efeito, no proximo dia 26 do corrente, uma festa religiosa.

Estranho bastante, sr. redactor, que a dita comissão se ache ausente desta localidade em vespuras da referida festa, encarregando um estranho de percorrer varias casas com uma subscrição.

Dar-se-há o caso que ela tenha pejo de vir até junto dos seus confraterneos lembrar-lhes: aos catholicos a obrigação de para ella concorrerem com qualquer donativo para levarem a efeito a referida festa e aos indiferentes a religião o dever de auxiliarem a mesma, prestando assim o seu concurso para levantarem a nossa terra?

Talvez seja isso; mas, do que não tenho a menor dúvida é de que no dia da festa nenhuma das pessoas da comissão ali faltará, não só para nos ofuscarem com as suas sedas roçagantes, mas para nos mostrarem que foram ellas... as suas organisadoras.

A que nos conduz os respeitoos humanos!

Em toda a parte, onde quer que se organisam festas, tenho visto, sr. redactor, as comissões organisadoras percorrendo as ruas a fim de adquirirem os donativos necessarios.

Ainda mais. Nas festas que há poucos dias se realisaram na vizinha vila de Estremoz, sei que havia varias comissões cada uma das quais estava encarregada dos varios ramos de que se compunham as mesmas.

Mas na nossa terra, em que apenas existe uma comissão (que é sufficiente), nem essa cumpre o seu dever!

Que quererá ella obter, quando ella propria abandona os trabalhos que lhe cumpre fazer?

E' quererão que se lhes dê o nome de catholicos?

O verdadeiro nome, aquele que mais lhe será adaptado, é o de... catholicos balofos, e vaidosos!

Mas não fica ainda por aqui.

O que se segue é mais importante. Ouvi dizer (custa-me a cre-lo) que a festa que se vai realizar, é o cumprimento dum voto feito durante a guerra

por algumas pessoas.

Será possivel?

Então uns fazem o voto e nós todos é que o cumprimos?

Certamente não é assim; quem me deu a informação brincou comigo.

Pois podia lá admitir-se que alguém, prometendo mandar realizar uma festa, ande, quere dizer, mande outrem de porta em porta com uma subscrição?

Não, novamente o repito; não o creio.

A minha consciencia de catholico duvida que isto se faça.

Enfim, tudo é possivel.

Para ter a confirmação absoluta de que isto é verdadeiro, resta-me ver uma coisa:—haver ou não tombola ou bazar.

Se houver qualquer dessas coisas, ou ambas, a festa não é votiva, sendo nesse caso do povo.

Se não houver, a festa é votiva, dando assim a entender que a despeza corre por conta dos que fizeram o voto.

Mas então a subscrição para que é?

Nesse caso, sr. redactor, inscreva no seu livro de lembranças o seguinte:—*prometo solenemente fazer chegar o caminho de ferro ao Redondo quando for Presidente da Republica... mas, se o parlamento o aprovar, fornecendo-me a verba necessaria.*

Quere promessa mais util á nossa terra?

Pelo que me tem chegado aos ouvidos, de esperar é que as festas sejam... grrrandiosas!...

Mete musica e prégador de fora... etc, etc, e tal.

A ver vamos.

Pedindo desculpa desta minha imperfinencia, sou

seu am.º mt.º obrg.º

Francisco Catalão Vieira Lapa

TEATRO

O Grupo Teatral, desta localidade, de que é director o nosso amigo e assinante, Sr. Francisco Vicente Ferreira, começou os seus ensaios com a peça original, em 3 atos "A ROSA DO ADRO", que subirá a scena, pela primeira vez, nos dias 3, e 5 de Outubro.

E' nos grato registar a boa vontade e denodado esforço do nosso Amigo Ferreira que, derubando todos os obstaculos, marca, assim, um lugar de estaque no nosso pequeno meio Artistico.

Antecipadamente o felicitamos porque temos a certeza absoluta que o desempenho de todos os amadores, sob a sua direcção, será corretissimo.

E oxalá que nunca tenha motivo para desanimar desta cruzada e educadora, a que se propoz.

VANDI...

Páginas de álbum

"cartas a uma senhora,"

III

Dir-se-hia que V., minha amiga cerrou os seus belos lábios e não mais sorriu, tal foi o silencio que se fez sobre a segunda pagina de álbum! Mas não; V. continuou sorrindo para mim com aquele encanto que a caracteriza e tanto me delicia e hoje já não é aquella creatura da primeira apresentação. Não é, e V. bem o sabe; ha uma afinidade nos nossos sentimentos que nos liga intimamente.

Quando o seu poderoso olhar parece prescutar minha alma, bem vê, minha amiga como eu olho de frente, sem medo de que me leia a mentira.

Mentir?! Mas isso seria sacrificio mixto de infamia e cobardia! Pode lá mentir-se quando se tem sobre o peito um sentimento poderoso, unico irresistivel, infinitamente grande?

Agora que já são volvidos alguns tempos sobre aquella tarde em que o crepusculo nos envolvia com o quer que fosse de misterioso e nossas almas tomadas por indiscritivel prazer se prendiam em vagos colloquios, uma serie de inebriantes acontecimentos nos liga, numa aliança, deveras caprichosa.

Eu não me enganava, esperava até, que tudo assim succedesse. Na imaginação punha um quadro de ardente sentimentalidade e em mutações rapidas divisaram pouco a pouco tomando cor e realidade.

A's vezes, no *levain*, desenrolam-se motivos que nos abalam profundamente, parece até que nos electrizam.

Eu sentia sempre um vago presentimento, um gosto indefinido, quando esses motivos eram a descrição dum romance de amor desenrolado na solidão dos campos, ou em algum poetico jardim batido pelo luar, tendo como apoteose um beijo. Sonhando, o pensamento perdia-se em vagos cogitacees.

E' talvez o presentimento duma aventura igual, uma consulta fugitiva pelo passado, ou a recordação daquela hora crepuscular em que pela primeira vez me mirei na transparencia do seu olhar, com uma tendencia louca para depor nos seus belos lábios um frenético beijo.

A visão parecia tornar-se realidade; o destino cumpriu-se caprichosamente!

Ternos olhares magicos sorrisos se fundiram num longo beijo suave, amoroso, aquecido por um reflexo de sol que batendo no doirado dos seus cabellos, Vandi, despedia ouro.

Oficina Charruco

9 FOLHETIM DO SERRA D'OSSA—
 LUDOVICO HALÉVY
O ABADE CONSTANTINO
 TRADUÇÃO
 DE
 HENRIQUE MARQUES JUNIOR

—Uma felicidade?
 —Sim... uma felicidade... Prefiro os Scott aos Galard, em Longueval. Não ouviu ha pouco o sr. de Larnac atrever-se a exprobar-lhe o esbanjamento louco de dinheiro? Ninguém é louco com o esbanjar dinheiro! E' louco, mas é em arrecadação. Os seus pobres—tenho a certeza absoluta no que afirmo, que é nos seus pobres que o sr. cura per sa— os seus pobres, repito tiveram ho-

je um dia magalífico. Esta é a minha opinião... Os Scott não ouviram missa, é certo—e isto causá-lhe um grande pezar, mas em compensação, o que é natural que suceda, dar-lhe-ão dinheiro para os pobres, muito dinheiro!... o sr. cura ha de aceitar o que faz muito bem... pois não tem cara para lh'o recusar. Verá: uma chuva de ouro cairá na nossa aldeola! E depois que de espantos! Uma carruagem puxada a quatro, cocheiros empoeirados, *rally papers*, grandes caçadas, bailes, fogos de artifício. E aqui esta alameda que vamos percorrendo, será transformada numa segunda Paris. Verei novamente as duas amazonas e os creditos de que ha pouco lhe falei. Se soubesse, sr. cura, como são elegantes a cavallo, as duas irmãs. Uma vez confesso-o, séguit-as em toda a volta que elas deram no bosque de Boloña. Tinham chapéus altos cinzentos, elegantes véus sobre o rosto e duas grandes amazonas, com uma unica costura nas costas... e é necessário que elas sejam de corpo muito bem feito para trajar um vestuario desses, porque, acredi-

te, sr. cura, amazonas mal-feitas não usariam de taes vestidos.
 O padre havia minutos que nenhuma atenção prestava á louquacidade de Paulo. A carruagem tomou por uma alameda muito longa e em linha recta. Ao topo viu o cura aproximar-se um cavaleiro a toda a brida.
 —Olhe para além—exclamou o abade Constantino—repare. Como tem melhor vista do que eu, diga-me, não é João que vem acolá?...
 —E' o João, é sim, sr. cura. Conheço-lhe a égua cinzenta.
 Paulo gostava muito de cavalos e tinha por habito ver a montada antes de ver o cavaleiro. Era João, efectivamente, que—reconhecendo de longe o cura—agitava no ar o kepi com dois galões dourados. João tinha o posto de tenente de artilharia, aquartelado em Souvigny.
 Alguns minutos depois, parava ao pé da carruagem, dirigindo-se ao cura:
 —Venho de sua casa, padrinho, e Paulina disse-me que tinha ido a Souvigny assistir á arre-

matação. E afinal, quem ficou com o palacet...
 —Uma americana, *mistress Scott*.
 —E Blanche-Couronne?
 —Tambem *mistress Scott*.
 —E Roseraie?
 —Ainda *mistress Scott*.
 —E a tapada... a mesma *mistras Scott*?
 —Tu o disseste—retorquiu Paulo—Eu conheço *mistress Scott*... e a *gen* vae passar uma vida regalada em Longueval... Depois te apresentarei... Isto, contudo, causa um grande desgosto ao sr. abade Constantino, porque, sendo americana, é protestante!
 —Isso é verdade, meu bom padrinho... Então, falaremos amanhã sobre o assunto. Vou jantar consigo... já preveni Paulina. Não posso demorar-me agora, estou de serviço e tenho de estar de volta ao quartel ás tres horas.
 —Para o rancho?
 —Sim, para o rancho... Até depois, Paulo!...
 Até amanhã, padrinho.

(Continua)

Cartas a Miss Mary

Minha pequenina e encantadora Esfinge— Pergunta-me v. na sua ultima carta o que é que afinal eu penso do amor. Pede-me, entre aterrorizada e ironica, que lhe responda se é o amor de capa e espada, de que lhe falei, o ideal do meu sentimento.

Mas, querida amiga, tudo tem o seu tempo!

Falei-lhe do amor aventura, como lhe podera ter falado da paixão feroz e santa de Sôror Mariana ou da loira D. Inês, simplesmente pelo prazer de aspirar consigo o perfume suave do passado.

Hoje não; hoje o amor é qualquer coisa menos. Antigamente aos dezoito anos delirava-se; hoje, sonha-se... acordado!

Antony e Werther enxugaram as lágrimas no manto de Arlequim e aprenderam a *Arte do Sentimento*—a ver na mulher amada não já o ser que nos escravisa e tortura a vida inteira, mas a flor que colhemos ao passar, que aspiramos e deixamos para traz logo que outra mais bela nos aparece.

O amor constante, o amor de cadeia que vai do primeiro suspiro á insipidez do casamento, á vida seráfica do luar, entre o rol das compras e o barrete de dormir, será belo para o burguez honrado e moral a quem desabrocharam o sentimento as páginas sangrentas do Rocamboles, mas para nós, mocidade de século XX, muito mais immoral mas muito mais artista também, o casamento é qualquer coisa de trivial que devemos afastar com a ponta da bengala como um verme pegajoso e incómodo.

Não se pode amar toda a vida a mesma mulher, nem temos o direito de sacrificar a preconceitos ridiculos a mais sublime manifestação da alma humana, fazendo do amor uma regra fixa. Essas criaturas casadoiras e sãs, não vivem; mascam a vida e engolem-na sem saborearem o que ella tem de belo. Suponha, querida Mary, a vida uma taça de ouro em scintilla o néctar do prazer; se o sorvermos a musculos moles, levamos mais tempo a esgotá-lo mas não lhe percebemos o sabor; se pelo contrario o bebêrmos dum fôlego, embriagamo-nos, enfontecemos, mas aspiramos-lhe todas as doçuras sem lhe notarmos os amargores. E' bem preferível renunciarmos á longevidade prometida pelo casamento e vivermos a vida, embora por menos tempo.

Não vá v. agora julgar-me um cínico que veja no amor a posse da mulher, a satisfação dum desejo e nada mais! Admito a existencia do amor sincero; só não compreendo a concepção dum amor único. Ama-se verdadeiramente, mas duas, tres, quatro, cinco vezes; tantas quantas as mulheres que o destino deitou á nossa vida para o juncarem de

flores!
 Decididamente, minha querida amiga, as mulheres fatais não existem; criou-as a fantasia mórbida dos poetas do século XIX para tormentos dos patetas do século XX!

Vasco Camélier

FANTASIA

Estou naquelas horas de negro sofrer em que tudo me parece frio e indiferente e nada tem esse aspecto garrido e agradável de maio florido.

Vivo aqueles momentos de interminável sofrimento que ora se esvai, ora volta, cada vez mais amarga, mais pungente.

E' doce alimentar uma ilusão, é amargo viver desiludido.

Voa a ilusão acarinhada para não mais voltar e deixa uma queimadura que sempre magôa.

Sentir a cada ilusão cavar-se mais o vácuo á nossa volta feito, enchendo-nos de tédio e horror por esta vida sempre dolorosa que nos não deu um pouco de amor, de alegria partilhada por outrem, é morrer.

Morre a alma envolta em ramos de saudades, de meigas violetas, roxas como o martirio, que espalham no ambiente o perfume macerado dos desgostos.

Morre a esperança nas dobras flutuantes dum olhar de mulher, acompanhada dum sorriso de dô e compaixão que envenena o azul purissimo do céu do amor.

Morre a ventura voando ligeira para o Além como o fumo no infinito se esvai, deixando um rasto de mirros e rosas, um perfume de amor que em nós se infiltra, acre como o néctar da tortura.

Cortam os áres bandos de niveas pombas e cada uma delas é uma ilusão que voa para o Desconhecido.

E' noite. Um mocho no humilde campanário, lugubrememente pia. E' a desilusão que doridamente nos agarra e faz chorar.

Amanhece Grupos de ceifeiras cantam alegres. E' a ventura que passa indiferente á nossa dor.

Meio dia. O sol está no alto. E' o teu amor, mulher, que eu não alcançarei.

Junho de 1916

Do livro que esteve em preparação *Clarejas do Ocaso*.

MINARETES DA FANTAZIA

CANTIGAS

Do Alentejo para o Algarve

Ao bom Amigo José da Quinta Junior

Tenho dentro do meu peito,
 Um lençinho p'ra te dar,
 Com quatro nós de ciumes
 Que não posso desatar.
 (Do povo)

Tu bem o vês, no meu rosto,
 Tudo o mal que me tens feito...
 Muita pena e desgosto
 Tenho dentro do meu peito...!

Sei a quem foste dizer
 Que pensavas em tornar,
 Por isso andava a fazer
 Um lençinho p'ra te dar.

A' volta tinha um enleio,
 Como é dos nossos costumes;
 Mas um dia encontrei-o
 Com quatro nós de ciumes...

E agora, no fim de contas,
 Já não o posso acabar;
 São uns nós sem terem pontas
 Que não posso desatar.

Redondo A. Rato

SONETO

E's sempre assim: ingrata, desdenhosa,
 Ris-te se acaso me ouves soluçar
 Por ti que me fizeste alvoroçar
 Esta minha alma, triste e dolorosa!

Bem sei que tu és linda e que és formosa
 Que não valho o favor do teu olhar...
 —Nem olha para um vassallo a suplicar
 Rainha tão soberba e orgulhosa!

Eu conheço que és nova e tens talento,
 Que não andas perdida como o vento,
 Que teus olhos são estrelas que não correm

No teu rosto brilhando caprichosas!...
 Mas ouve-me, Mulher: Olha que as rosas,
 São lindas como tu...mas tabem morrem!

Francisco Carmona

Composto e impresso na typografia Ruy Carnello Rosa Redondo.

O NOSSO ECRAN

OS RAIOS MISTERIOSOS

Pathé—3 partes—1150 metros

Strass, Fichte e Volgefriei são proprietarios de fabricas de artigos de luxo. Estrangeiros naturalizados francezes, preocupam-se muito pouco com a defeza nacional. Os tres são convidados pelo ministro a substituir a sua produção pela de munições, ao que se recusam pretextando que o machinismo de que dispõem é antiquado e defeituoso. Encontram assim maneira de illudir a ordem do ministro, ao mesmo tempo que tem occasião de aumentar os seus lucros, porque os outros fabricantes de especialidades tinham passado a dedicar se ao fabrico de munições, enquanto que eles continuavam a produzir objectos de luxo.

Strass tem como secretario João Dailly, que sofreu varios ferimentos na guerra, dos quaes se curou em casa de lord Burham, cuja filha adora. João, ao saber a recusa do industrial, sente grande indignação que se vê obrigado a dissimular para não perder o emprego. Alguns dias depois recebe a noticia de que o seu melhor amigo, o capitão Delvet caiu morto no campo da batalha, tendo pelido que lhe entregassem o seu testamento.

Volgefriei recebe o estranho aviso de que se não dedica as suas officinas ao fabrico de munições, na noite de 5 ver-se-ha privado da vista que só recuperará depois de ter cumprido o que lhe era determinado.

O fabricante não faz caso do aviso, mas na noite de 5 um misterioso raio azul deixa-o cego de todo. Volgefriei começa a fabricação de munições, recuperando então a vista. Os outros dois fabricantes recebem castigo igual, seguindo o exemplo de Volgefriei para não ficarem cegos para sempre.

Strass vende a fabrica, que é comprada a instancias de Dailly por lord Burham. Mas Strass, que pensa em vingar se do lord na pessoa de sua filha Edith, tenciona empregar os raios misteriosos cujo segredo ficou a conhecer por casualidade. Felizmente, João consegue salva-la da feroz vingança, encontrando no amor de Edith a recompensa da sua dedicação.

L A T I N A

COMPANHIA DE SEGUROS LUSO-FLUMINENSE

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

CAPITAL 2.500.000\$00

CAPITAL REALISADO 250.000\$00

Realiza todas as operações em seguros Agricola, Incendio, Terrestres, Cristaes, Transportes,—mercarias ou quaesquer valores, em via terrestre, Valores remetidos pelo correio, Inundações, Maritimos e Fluviaes, Explosão, Raio, Quebra de Chapas de vidro grosso e espelhos,—remetidos pelo C. F.—Roubo, Greves e Tumultos e Vida (pensões para creanças, dotações, mistos, etc. etc.) todos os seguros pelas mais baixas taxas

Acidentes de trabalho

Seguro Obrigatorio

SEDE: Praça dos Restauradores, 13-1. LISBOA

DELEGAÇÃO EM EVORA, autorizada a fazer todas as tranzações de seguros e reseguos

Rua 5 de outubro, 9

Correspondente no Redondo—Jayme Carmelo Rosa

A LISBONENSE E FILIAL

DE

EMIDIO J. C. ROSA

RUA ANTONIO JOSE D'ALMEIDA e PRAÇA DA REPUBLICA

VILA VIÇOSA

Grande sortimento em artigos de lã e algodão
Louças, Vidros, esmaltes e artigos proprios para brindes
Grande armazem de viveres

Os estabelecimentos mais bem sortidos os que mais barato vendem, e os que melhor se impõem pela sua honestidade em bem servir o publico que o denominou

O BARATEIRO DE VILA VIÇOSA

Estabelecimento de fazendas junto ao do Ex.^{mo} Sr. Manuel Fernandes Branco e Merceria na Praça da Republica esquina da Rua Antonio José d'Almeida

SECÇÃO RECREATIVA

Pergunta

Qual é o nome do animal que, prenunciando-se com acento agudo nas duas primeiras vogais, nos parece chamar-mos por uma mulher actogenaria?

Logogrifo

Bonita vila—1, 6, 3, 8
De Portugal;
E' instrumento—7, 2, 3, 4
Não de metal.

Lá nesta ilha,—5, 10, 7, 4, 1, 8
Este sujeito—7, 2, 9, 6
Tem o tecido.—7, 10, 9, 4
Posto no peito.

Lá neste rio—9, 2, 7, 10
E' que descanta
A que endente
E fructa planta

Enigma

Ou de traz para diante
Ou de diante para traz
Visita qualquer igreja
Com certeza a encontrarás

Charada

Fuas Pato & Companhia—2
Negociando em chapéus
Temos seus agudos queixos—2
Levantados para os ceus

Charadas em phrase

De paródia a nota é contração limpida—2, 1, 1
Tem Covilhã ave corrente e consequencia—1, 2, 2
Do verbo regar a viscera é folgança—2, 2
A letra do alfabeto, o prefixo e a contração é mouro—2, 1, 1.

Soluções do n.º 33

72—44: gato; Urso grande; matas; pérola; Gaiola; Gregório; paramento; mostarda; Salamanca; trovadores.



CONFIDENCIAS

—Com que eutão açambarcadores de casas de espectáculo?

Mas saiu lhe o gado mosqueiro.
Deixem governar os homensinhos porque todos tem direito á vida.

—Meninas casadoiras: E' aproveitar a ocasião!

Há açucar em barda nas casas de beneficencia.

Fornece se ás arrobas, é só questão dum escrito.

—Só de calharote heim?

Ou nós não fossemos útridade...

Mas de ia pagar o bilhete aos rapazes, coitados.

—Tudo aquilo já é nosso.

Ah, vil metal, a quanto obrigas.

Outr'ora só por entre grades; hoje dá cada vôo que chega á Serra.

—Uma esmolinha, deem, para a nossa festa.

O' malvado, voce bebe e eu é que pago?

—Dinheiro, muito dinheiro!
Ó homem quanto rendeu o aluguer do automovel hoje?
Temos quasi dinheiro para musica.

SUBSCRIÇÃO

Para se proceder á limpeza exterior do Recolhimento de N.ª S.ª da Saude, recebemos:

| | |
|---|--------|
| Transporte..... | 47\$70 |
| Da Ex. ^{ma} Sr.ª D. Antonia S. Pires.... | \$50 |
| » » » » Berta S. Batarda.... | \$50 |
| Do Ex. ^{mo} Sr. Tomé Festas..... | \$10 |
| » » » » Jayme C. Rosa..... | 1\$50 |
| » » » » Antonio E. Faleiro.... | \$50 |
| » » » » Antonio José Cavaca.... | \$50 |
| » » » » Francisco C. V. Lapa.... | \$50 |
| » » » » José Joaquim Faustino.... | \$50 |
| Soma..... | 51\$10 |

Muito reconhecidamente agradecemos a estas benemeritas Senhoras a esmola com que se dignaram contribuir para esta obra de beneficencia.

Faleceu no dia 9 do corrente em Marco de Canavezes, a Ex.^a Sr.^a D. Emilia de Brito O'Neill Pedrosa, mãe do nosso amigo e assinante Sr. Germano de Brito e Cunha O'Neill Pedrosa, dignissimo aspirante de Finanças naquela localidade

A familia enlutada os nossos pezames

O NOSSO CARNET

Fizeram anos:

- Em 27:—do mês p. p. a nossa assinante Ex.^{ma} Sr.^a D. Francisca de Sousa Grave, filha do nosso assinante, Sr. Antonino Rosa Grave.
- Em 3:—do corrente o nosso assinante o nosso assinante, Sr. Numa Pompilio de Melo Furtado, dignissimo secretario da administração deste concelho.
- Em 7:—do corrente a menina Rosa de Sousa Grave, filha do nosso assinante, Sr. Antonino Rosa Grave.

As nossas felicitações

Partidas e chegadas:

Partiu para o norte onde foi passar alguns dias na companhia de sua Ex.^{ma} familia, o nosso presado redactor.

Partiu para Lisboa no dia 8 do corrente o nosso assinante Sr. Dr. Antonio Rita Martins.

Chegou no dia 10 do corrente a esta localidade o nosso querido editor que tinha ido ao Porto tratar de importantes negocios.

Casamentos:

Em 21 dagosto, realisou-se o consorcio do Ex.^{mo} Sr. Augusto R. Martins estudante de direito, com a Ex.^{ma} Sr.^a D. Jacinta M. Carmelo, filha do nosso assinante Ex.^{mo} Sr. Antonio J. Carmelo e da Ex.^{ma} Sr.^a D. Francisca M. Carmelo.

Em 23, consorciou-se o Ex.^{mo} Sr. Antonino Rosa Grave, dig.^{mo} Administrador deste concelho, com a Ex.^{ma} Sr.^a D. Antonia Maria Fortes.

JOSE MARIA BRANCO

Fazendas nãonacs e estrangeiras
Modas e confeccões
V. VIÇOSA

Charrete e arreios
VENDE
JOSE IGNACI BATARDA

CONTINUO

Precisa-se que saiba ler e escrever. Nã o faz serviço de cobrança de cotas. Quem pretender dirija-se à Direcção da Sociedade Harmonia e Progresso Redondense

VAGO

Antonio João arvalho Franco
Estabelecimento de fazendas, mercearia, louças e vidros
Ganhos poucos, para vender muito; eis a norma desta casa
BORBA

A grande modicidade de preços do estabelecimento comercial da firma

MANUEL JOAQUIM DA SILVA, SOBRINH & C.^a
está num irresistivel convite, chamando o consumidor.

Achamos conveniencia para todos, o aproveitar a excepcional ocasião

LOJA MODERNA

ANTONIO AUGUSTO DA COSTA

Completo sortido de fazendas nacionaes e estrangeiras
Calçado ordinario e de luxo

MOVEIS DE FERRO E MADEIRA

= VENDAS POR GROSSO E A RETALHO =

PREÇOS SEM COMPETENCIA

PRAÇA DA REPUBLICA REDONDO

A CENTRAL

João Felix Pereira

Estabelecimento de Merceria, Papelaria, Livros, Louças, Vidros, Ferragens, Tintas e Tabacos nacionaes e estrangeiros

Variazo sortimento em corõas, bouquets, flores artificia s e outros artigos funerarios

DEPÓSITO DE PÓLVORA DO ESTADO
POSTAES ILUSTRADOS em Brômeto, Sépia, Colorido, Relievo, Peluche, etc.

BOLACHAS nacionaes e inglezas. **MASSAS** alimenticias. **LEGUMES** e mais artigos

Recibe encomendas de serviços completos de Louças, Vidros, Cristães ENCARREGA-SE da execução de todos os **TRABALHOS TIPOGRAFICOS**, bilhetes de visita, **CARIMBOS** de borracha, metal, ferro e aço e gravuras em todos os generos para Repartições publicas, Comercio, Industria e Particulares

REPUBLICA

Vinhos tintos, brancos e aguardentes
Vende por grosso e a retalho
BARRANCOS & BELO
Avenida Antonia Luciana
REDONDO

QUE REIS

COMPRAR

BARA TO?

VISITAE A CASA DE MANUEL FERNANDES

BRANCO VILLA VIÇOSA

Enviem-se amos tras a quem as pedir

LOJA DO POVO

DE
JOSE A MELLO & C.^a
FAZEN AS E MO AS
A casa que mais barato vende e maior sortido tem
BORBA

VACUUM OIL COMPANY

AGENCIA DE REDONDO.
Stok permanente de gazolina, oleos e petroleo
Antonio Festas

SOCIEDADE PORTUGUESA DE SEGUROS

FUNDADA EM 1900
Capital **300:000\$00**

Efectua seguros Agricolas, Incendios, Terrestres, Cristaes, Transporte etc.

AGENTE NO REDONDO
Antonio Augusto da Costa